



Entre nós

Educação em palavras e afetos

Novos formatos, novas famílias

Por Juliana Silveira, Relações Públicas, empresária, escritora e mãe de dois estudantes do Marista Ipanema

Um a cada três casamentos termina em divórcio no Brasil, segundo o IBGE. Além disso, o censo aponta que 50% das famílias brasileiras vivem sob novos arranjos. Famílias homo afetivas, mães sozinhas com filhos, pais sozinhos com filhos, amigos morando juntos, três gerações sob o mesmo teto. Esse é um dado nacional que traz uma nova realidade aos ambientes de convivência dos pais, dos adultos de referência das crianças, dos filhos. Estas são as “novas famílias”, que coabitam no espaço escolar, nas interações do dia a dia.

Na busca por entender melhor os desafios da jornada destas crianças e adultos – operários das novas famílias – e de trazer reflexão e informação sobre as vivências sociais dessas pessoas junto aos formatos ainda tradicionais de estrutura familiar, foi criado o projeto [New Families – Cuidado Compartilhado](#). Ele visa estabelecer um ambiente de conhecimento sobre questões do dia a dia destes indivíduos, principalmente das crianças, assim como criar uma atmosfera de empatia e compreensão. Desse modo,

possibilita um fórum de discussão sobre a melhor forma de conduzir e superar questões comuns da rotina, que se mostram mais exigentes para quem vive em formatos de família diferentes, constituindo um espaço de amparo, acolhimento e compreensão de novas possibilidades.

Porque são todas, crianças. São todos, pais. São, junto com a escola, por exemplo, educadores. E orientar ao respeito e ao entendimento do diferente, da existência de dois pais, de duas mães, de irmãos por parte de pai ou de mãe, ou das famílias afetivas que se constituem durante a vida, é uma linda aula de fraternidade, de afetividade e de civilidade. É educação para o mundo que está aí à nossa frente e dos nossos filhos. Isso é o que traz mais amor e menos sofrimento para o mundo das famílias, já tão exigente para quem é pai e mãe, no formato que for, e pelo prisma das crianças – na posição de aprendizes, frente a um universo de culturas, de organizações sociais, políticas e religiosas, que começam sempre no seio familiar.

